

ÁFRICA

J. CLARK LEITH, *WHY BOTSWANA PROSPERED*

Montreal, McGill-Queen's University Press, 2005, 150 pp.

Dado que é uma das poucas democracias consolidadas e – relativamente – prósperas de África, o Botswana (1,8 milhões de habitantes) nunca aparece na imprensa ocidental. O Botswana é um *facto empírico* que não encaixa na *narrativa apocalíptica* que o Ocidente gosta de reproduzir sobre África. Hoje, depois de quarenta anos a apresentar uma das mais altas taxas de crescimento do mundo, o Botswana já é um *middle-income country*. O maior factor de crescimento tem sido a riqueza mineral do país (diamantes). Outros países africanos com um subsolo igualmente rico continuam a ser marcados pela pobreza, violência e autoritarismo. O Botswana, como salienta Siphosiphos Seakamela (South African Institute of International Affairs), «continua a ser a excepção na instabilidade que assalta os países africanos ricos em recursos». Para perceber por que razão o Botswana escapou à *maldição dos recursos*, J. Clark Leith (University of Western Ontario; foi consultor no Ministério das Finanças do Botswana e no Banco Central do Botswana) escreveu *Why Botswana Prospered*. A resposta de Leith foi encadeada em três fases. (1) A elite do país geriu de forma prudente a sua riqueza mineral, fazendo investimentos em infra-estruturas e no capital humano. Mas, pergunta Leith, por que razão estas medidas económicas resultaram? (2) Ora, o sucesso económico do Botswana não se deve apenas à *perícia técnica* na gestão

macroeconómica; essa gestão foi possível devido à estabilidade político-institucional garantida pelo sistema político; várias instituições (ex.: Banco Central) criaram a confiança necessária para a actividade das empresas que investiram no Botswana (ex.: a gigante sul-africana dos diamantes, DeBeers). (3) A democracia *per se* não explica o rápido crescimento económico do Botswana. A democracia triunfou no Botswana porque respeitou a tradição do povo Tswana. Por exemplo, o tradicional fórum de consulta tribal, o Kgotla, continua activo e faz parte do sistema político. Por outras palavras, existe uma coabitação entre a modernidade institucional da democracia de inspiração britânica e a tradição local (mesmo antes do advento da democracia moderna, a cultura tswana já era marcada pela noção de *accountability*). A história de sucesso do Botswana não resulta da *sorte*; outros países africanos também tiveram a sorte de encontrar diamantes e outros recursos naturais, e, mesmo assim, continuaram na rota da violência. O sucesso do Botswana deve-se ao seu sistema político e às escolhas da sua elite política. Ou seja, a política pode vencer o *fado africano*.

JOHN F. CLARK, *THE FAILURE OF DEMOCRACY IN THE REPUBLIC OF CONGO*

Boulder, Lynne Rienner Publishers, 2008, 308 pp.

John F. Clark (Universidade Internacional da Florida) apresenta aqui um *case study* sobre o Congo-Brazzaville (República do Congo), o mais pequeno e menos medi-

ático dos Congos. Aliás, podemos dizer que este livro, do ponto de vista metodológico, representa uma vigorosa defesa do *case study* como método de estudo; Clark defende que a sensibilidade histórica (garantida pelo *case study* e desprezada pelas abordagens parcimoniosas) é a única forma de compreendermos os actores políticos.

O livro procura responder a uma pergunta: por que razão a experiência democrática (1991-1997) falhou na República do Congo? (Depois da guerra civil, o antigo chefe de Estado, Denis Sassou-Nguesso, regressou ao poder de forma não democrática). Na resposta, Clark recusa explicações estruturais para o fracasso da democracia em Brazzaville. Até porque este país detinha alguns bons indicadores de desenvolvimento, dado que Brazzaville era um ponto vital do império francês em África. Clark afirma que a responsabilidade pelo fracasso da democracia neste país assenta na mediocridade e na ganância da elite política. Os dirigentes congolese encararam o poder como uma forma de enriquecimento pessoal, nomeadamente através do saque da riqueza petrolífera do país. Clark é acutilante na forma como responsabiliza a agência dos actores políticos, recusando desculpar os ditos actores com factores estruturais – supostamente – inelutáveis. Ou seja, a experiência democrática

não estava destinada a terminar em guerra civil; a República do Congo não estava predestinada a regressar ao autoritarismo. Sassou-Nguesso teve a oportunidade de seguir um caminho democrático; teve a oportunidade de criar uma reconciliação nacional entre os diversos grupos étnico-religiosos. Porém, Sassou-Nguesso escolheu a via do oportunismo, da manutenção no poder a todo o custo. Sassou-Nguesso optou por este caminho porque teve receio de enfrentar uma competição eleitoral. E, acima de tudo, Sassou-Nguesso manteve-se no trilho do oportunismo porque nunca revelou o patriotismo necessário para reconhecer que o futuro do país não dependia apenas dos desideratos de um único indivíduo.

Se a elite do Botswana – personificada por Seretse Khama – escolheu actuar de forma patriota (a excepção em África), a elite da República do Congo – personificada por Sassou-Nguesso – escolheu o caminho do oportunismo pessoal (a regra em África). O Botswana não estava predestinado ao sucesso. A República do Congo não estava predestinada ao fracasso. O sucesso de Gaborone e o fracasso de Brazzaville resultaram de escolhas políticas feitas de forma consciente. Em política, não existe destino ou predeterminações estruturais.

■ HENRIQUE RAPOSO